



CONFLUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS – ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS – DA ARTE E DA LÍNGUA PORTUGUESA

Luciana de Souza Matias
Mestranda em Educação Tecnológica (CEFET-MG)
Escola Municipal Padre Guilherme Peters/Regional Centro-Sul
E-mail: luciana.s.matias@edu.pbh.gov.br

Gabriel Schunemann Dantas
Mestre em Estudos da Literatura (UFF)
Escola Municipal Padre Guilherme Peters/Regional Centro-Sul
E-mail: gabriel.schunemann@edu.pbh.gov.br

RESUMO: O presente texto tem como objetivo compartilhar o que temos conceituado como confluências pedagógicas da linguagem nas áreas do conhecimento da Arte e da Língua Portuguesa em um contexto contracolonial e antirracista, para a promoção da educação das relações étnico-raciais. A experiência aqui relatada é um recorte de uma unidade de ensino mais ampla, a qual foi elaborada no contexto emergencial da pandemia, intitulada "Aqui nascemos", poema do autor moçambicano Marcelino dos Santos. A unidade de ensino foi organizada para ser desenvolvida em 3 eixos: (1) Fronteiras (em que são trabalhadas a variação linguística e as diversas linguagens das artes); (2) Território (em que são trabalhadas as pessoas do discurso e a narrativa visual); e (3) Terreiro (em que são trabalhadas a linguagem do teatro, especialmente o Teatro Experimental do Negro, e a tradição poética do samba, com foco na atuação de Tia Ciata). O recorte aqui exposto será o eixo (2) Território, especificado acima, desenvolvido com meninas e meninos estudantes do 9º ano/3º ciclo da Escola Municipal Padre Guilherme Peters em 2022. Ao final do processo, as(os) estudantes se envolveram na montagem de uma exposição de artes visuais, articulando as referências teóricas propostas pelos professores e mobilizando conceitos de Artes e Língua Portuguesa, de modo a refletir crítica e criativamente acerca de seus processos de pertencimento.

Palavras-chave: Identidade ancestral. Pessoas do discurso. Corpo-território. Contracolonialidade.

Introdução

Apresentaremos um dos eixos de uma unidade de ensino de um projeto pedagógico para a promoção das relações étnico-raciais e antirracistas, o qual desabrochou no contexto emergencial da pandemia, a partir do compartilhamento de links de podcasts, canais do youtube e outras plataformas que traziam, à época, discussões temáticas sobre o racismo. Uma destas referências foi justamente o



podcast Amarelo Prisma¹¹, do multiartista Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, cantor, compositor, escritor e apresentador. Ouvindo esse podcast, percebíamos uma didática que se espalhava como se os saberes ali contidos fossem polinizados, assim como fazem as abelhas, espalhando o pólen de flor em flor circulando pelo jardim para que a vida continue a desabrochar, e, dessa forma, nasceu o Projeto Zum, num contexto em que precisávamos desabrochar para a luta antirracista em nosso ambiente escolar.

Talvez você tenha ficado um pouco estonteada(o) com o ritmo da escrita acima, como se estivéssemos, talvez, a dançar, como em uma ciranda ou girando em círculos. Se causamos tal sensação, será, para nós, motivo de profunda felicidade, uma vez que nossa proposta metodológica se fundamenta nas matrizes africanas e afro-brasileiras, indígenas e europeias com o simples e igualmente complexo objetivo de promover um processo de aprendizado equânime a partir das matrizes culturais presentes em nossa sociedade. Ademais, nossa sequência didática foi pensada a partir de sua descolonização ou desconstrução de seu sentido metodológico. Pensar uma metodologia para a educação das relações étnico-raciais e antirracistas e desconstruir as bases que a compõem pressupõe a desconstrução de estruturas coloniais e a busca de modos outros de ver, pensar, fazer, sentir e fluir os processos de aprendizagem, para que possam confluir as pessoas, os modos de aprender e sentir o mundo.

Convidamos a confluir conosco nesta pedagogia da encruzilhada que é, ao mesmo tempo, espiralar e por isso talvez nos inspire tanto, como nos explica Leda Maria Martins:

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas

¹ Podcast Amarelo Prisma, de Emicida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vw6G3o-KQe0> acesso em 06 out 2023.

temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, p. 23).

A circularidade, o movimento, o desabrochar de novas formas de aprender a desaprender, em certa medida, são o cânone hegemônico que exclui territórios, lugares de fala e saberes fundantes de nossa diversidade cultural.

Figura 1: A forma espiralar das conchas remetem à circularidade e ao movimento preconizados pelos valores civilizatórios da matriz africana²



Fonte: Arquivo dos autores (2023)

Nossa unidade de ensino fundamenta-se em uma metodologia multicultural e antirracista. Alicerçamo-nos em teóricos como Azoilda Trindade, responsável por sistematizar os valores civilizatórios da matriz africana, sendo eles: circularidade, musicalidade, memória, ancestralidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, religiosidade, oralidade e força vital. Sobre esses valores, nos diz:

A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural (TRINDADE, 2013, p. 132).

Estes valores estão presentes em sala de aula cotidianamente a partir da presença de cada menina e menino estudante da Escola Municipal Padre Guilherme Peters e, desta forma, não podem ser desconsiderados e/ou invisibilizados. A

² Fotografia de Ansgar Koreng. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/114240786@N08/44869746575>. Acesso em 25 out. 2023.



sequência a que se refere este texto tratará das subjetividades do território e de sua relação com a ancestralidade, sentido que guiará todo o processo. Segundo Leda Martins, a ancestralidade

em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão do sujeito e do cosmos, em todos os seus âmbitos, desde as relações familiares mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas. De que modos, então, essa sofisticada vivência da ancestralidade e a presença imanente do ancestre na vida cotidiana dos sujeitos também inscrevem uma singular compreensão e experiência da temporalidade como uma sophya? (MARTINS, 2021, p. 23).

A partir deste valor civilizatório, acessamos outras culturas e ambicionamos democratizar a comunicação através da diversidade cultural expressa nas linguagens das artes e de nossa língua amefricana³.

Objetivos da experiência, metodologia, desenvolvimento

Objetivos Gerais: 1) Fomentar a reflexão acerca do território em suas dimensões espacial, de pertencimento e em sua relação com o corpo; 2) Compreender os fundamentos da narrativa visual; 3) Compreender o conceito de Pessoas do Discurso.

Objetivos Específicos: 1.1) Identificar e valorizar o território como instância fundamental para as relações de sociabilidade; 1.2) Provocar nos estudantes um despertar de sua identidade étnico-racial; 2.1) Refletir sobre a linguagem visual, especialmente sobre sua potência narrativa.

Metodologia

Organizada em: (1) fundamentos metodológicos, (2) metodologia da aplicação e (3) metodologia de avaliação da sequência.

1) Esta sequência busca construir um ensino multicultural, em que nossas

³ Conceito cunhado pela pensadora Lélia Gonzalez.



matrizes culturais africana, indígena e europeia sejam igualmente relevantes, e não apenas no que tange aos objetos de conhecimento e conteúdos, mas na estrutura curricular e na própria concepção de ensino (Petronilha, 2013). Entendemos ser essa diretriz extremamente desafiadora, uma vez que nossa prática está submetida a um constante regime de invenção (diferentemente do padrão ocidental firmemente sedimentado no espaço escolar e em nossa própria formação universitária).

2) Para a aplicação desta sequência, é fundamental considerar a prática pedagógica em sua dimensão dialógica.⁴ Assim, a maioria das aulas consiste em análises coletivas de obras literárias e visuais, e as aulas expositivas devem ser conduzidas em formato de diálogo.

3) A avaliação é construída coletivamente, com a montagem de uma exposição⁵. Durante esse processo, espera-se que estudantes e professores reflitam acerca da experiência pedagógica vivida nas aulas através do diálogo e que os professores registrem atentamente as falas das(os) estudantes, de modo a realizar adaptações no percurso, incorporando as reflexões e demandas das(os) estudantes a cada aplicação da sequência.

Desenvolvimento

O que é o um território? Está dentro ou está fora? Do que fala o território? Quem fala no território? A quem pertence o território? Quem é o território? Marcelino dos Santos, em seu poema “Aqui nascemos”⁶, nos convida a refletir sobre o território a partir do que somos nós; nossas experiências a partir de nossa ancestralidade. Neste sentido, tomamos como referência semiótica a obra da artista visual Rosana Paulino⁷ denominada “Assentamento”.

⁴ Conferir o livro Cartas a Guiné, em que Paulo Freire estuda detidamente o pensamento de Amílcar Cabral, incorporando o sentido decolonial da prática pedagógica à sua obra.

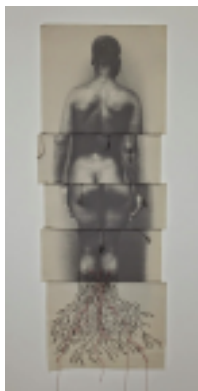
⁵ Esta exposição articulará as obras e temas trabalhados nas aulas com o pressuposto de que o olhar conta histórias – daí o trabalho, a ser exposto a seguir, com o conceito de pessoas do discurso e construção da identidade.

⁶ Disponível em:

<http://poemasdalusofonia.blogspot.com/2009/01/aqui-nascemos-i-terra-onde-nascemos-vem.html>
Acesso em 9 out. 2023.

⁷ São Paulo, Brasil, 1967. A artista vive e trabalha em São Paulo. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, é especialista em

Figura 2: Assentamento de Rosana Paulino⁸



Fonte: Arquivo dos autores (2023)

Esta obra é uma instalação em que a artista utilizou impressão em tecido, bordado, madeira, vídeos e paletes, trazendo como referências imagéticas mulheres negras escravizadas, destacando em bordados ou costuras possíveis sentimentos que essas mulheres não conseguiam expressar. A imagem em destaque nos inspirou justamente a pensar “onde nascemos”, a ancestralidade como memória e território, e incentivar a produção plástica individual das árvores genealógicas dos estudantes, os quais utilizaram materiais diversos, como papel, tinta, lápis de cor e giz de cera.

Figuras 3, 4 e 5: Produção realizada por estudantes do 9º/ 3ºciclo

gravura pelo London Print Studio, de Londres e bacharel em Gravura pela ECA/USP. Disponível em <https://rosanapaulino.com.br/sobre/>. Acesso em 8 out 2023.

⁸ Disponível em: <http://coletivomarquise.blogspot.com/2014/09/assentamento-de-rosana-paulino.html> acesso em 9 out 2023.



Fonte: Acervo de fotos pessoal dos professores (2023)

A partir daí continuamos o nosso processo refletindo sobre a nossa identidade; para isso, estudamos a poesia concreta a partir dos poemóviles que foram criados por Augusto de Campos e Julio Plaza. Com essa criação, as meninas e meninos estudantes puderam trazer a experiência da pesquisa da ancestralidade de cada um e expressar como se faziam presentes no território familiar, desenvolvendo visualmente e poeticamente o objeto de arte poemóviles.

Figuras 6, 7 e 8: Produção realizada por estudantes do 9º/ 3ºciclo



Fonte: Acervo de fotos pessoal dos professores (2023)

ESCULTURAS:

A partir da poesia concreta trabalhamos o concretismo nas artes visuais por meio das obras de dois artistas concretistas, Jorge dos Anjos e Ruben Valentin, que se inspiram na cultura de matriz africana e afro-brasileira, as quais se relacionam com a nossa ancestralidade.

Figuras 9, 10 e 11: Produção realizada por estudantes do 9º/ 3ºciclo



Fonte: Acervo de fotos pessoal dos professores (2023)

Esse processo nos leva a refletir sobre o nosso papel na sociedade de forma responsável, considerando a nossa identidade, pensando o nosso corpo como território de conhecimento e ação na sociedade; nos leva a considerar o que nos une e o que nos separa, a considerar as nossas diferenças de forma mais ampla. Neste sentido, quando trabalhamos, com o professor Gabriel, as pessoas do discurso, refletimos sobre os lugares de fala de cada pessoa.

AUTORRETRATO:

Ao desenvolvermos o nosso autorretrato, trabalhamos o que somos a partir das nossas raízes familiares: tonalidade de pele, texturas dos nossos cabelos, linhas que compõem o nosso rosto e nosso corpo como território.

Figuras 12, 13 e 14: Produção realizada por estudantes do 9º/ 3ºciclo



Fonte: Acervo de fotos pessoal dos professores (2023)

Figura 15: Divulgação da Exposição “Aqui nascemos”



Fonte: Acervo de fotos pessoal dos professores (2023)

Os trabalhos desenvolvidos foram exibidos recentemente em uma exposição realizada na escola. Foi um momento de extrema emoção para todos nós. A exposição foi inteiramente montada pelos estudantes, apresentada por eles para toda a escola e organizada de forma que as turmas pudessem visitá-la e ouvir dos colegas artistas a explicação sobre todo o processo. Para finalizar, a trilha sonora que acompanhou a nossa exposição é de autoria de Ballaké Sissoko e Mamadou



Diabaté, mestres da Kora, um instrumento de cordas tradicional da África.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: UnB, 2015.

MARTINS, Leda Maria. *Performance dos tempos espiralar, poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *Entre Brasil e África: Construindo Conhecimento e Militância*. Belo Horizonte-MG. Editora Mazza, 2011.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2007.

TRINDADE, Azoilda Loretto; SANTOS, Rafael (org.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.